



## A LOUCURA E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA EM MACHADO DE ASSIS

Ana Paula Giehl de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva discutir a representação da loucura na obra de Machado de Assis, mais especificamente o conto *O Alienista* (1882) e seis crônicas da série *A Semana*, publicadas entre 1895 e 1897. Analisa-se o modo como era vista a alienação e quais as suas formas de diagnóstico e internação, considerando o aparecimento dos primeiros hospícios no país, o conseqüente debate em torno do alienismo e a forte discussão entre os discursos políticos e cientificistas, que mediam forças para estabelecer uma relação de poder sobre um aspecto puramente social. Como forma de ligar a Literatura ao contexto social da época, Machado de Assis transformava em texto o retrato da sociedade brasileira. Será analisado, então, de que forma o autor supracitado colocará ao seu leitor o assunto em questão dentro do texto ficcional e em unidades mais efêmeras e de caráter cotidiano, como o conto e as crônicas, respectivamente.

O presente artigo objetiva discutir a representação da loucura na literatura através das crônicas da série *A Semana*, de Machado de Assis, escritas periodicamente, são elas: de 15 de setembro, 22 de setembro, 29 de setembro, 6 de outubro, 24 de novembro de 1895; 31 de maio, 7 de junho de 1896; e 17 de janeiro de 1897. Juntamente com o conto *O Alienista*, do mesmo autor, será analisado o modo como era vista a alienação e quais as suas formas de diagnóstico e internação, considerando o aparecimento dos primeiros hospícios no país. Machado de Assis trata de forma irônica tais fatores, aproximando o leitor dos acontecimentos através da linguagem descontraída e despretensiosa do gênero crônica.

Diferentemente dos gêneros literários baseados na subjetividade, como o romance e o conto, por exemplo, a crônica surgiu de forma despretensiosa e descontraída, prendendo-se aos assuntos cotidianos, mantendo ligação direta ao seu tempo. Seu conteúdo é válido ao dia da publicação, não tendo mais atenção após a sua crônica seqüencial.

Cândido (1992) defende a forma da crônica como um gênero menor, aproximando a gente do que está sendo lido, elaborando uma linguagem concisa que liga o tema ao melhor entendimento do público.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. Graduanda em Letras Português e Alemão. ana-giehl@hotmail.com



Unem-se, então, a subjetividade do autor e a objetividade do texto jornalístico, formando um texto que, de forma humorística em sua maioria, traz reflexões leves e sem intenções de ficar, não assumindo um papel de informar o povo, mas sim, de levá-lo junto a uma viagem lingüística que, sorrateiramente, critica fatos ocorrentes no meio social.

Machado de Assis, autor-referência da presente pesquisa, refere-se à crônica como um texto que trata de “cousas miúdas”, porém, dessa essência miúda é retirada uma grandeza e singularidade, capazes de atrair a atenção dos leitores e de surpreendê-los em sua cadeia de discussões abertas, humorísticas e simples em sua forma de apresentação.

As crônicas machadianas são um válido meio para que se compreenda a interação entre o escritor, a sociedade na qual estava inserido e, para completar, o público leitor. Enquanto o autor atentava-se a variados assuntos e sua relação com o meio jornalístico estava cada vez mais estabelecida, o Brasil passava a encarar outro foco de teor político e cientificista, com a vinda do primeiro hospício no país e a vasta discussão que viria a se estabelecer no campo da razão ou falta dela.

O ponto inicial para que a discussão sobre a construção de hospícios no Brasil aconteceu, aproximadamente, nos anos 30 do século XIX. O Hospício Pedro II foi inaugurado no Brasil em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, sede da corte imperial da época. Sua construção foi baseada na arquitetura francesa Maison Nationale de Charenton e decorada com estátuas produzidas pelo alemão Ferdinand Petricch. Baseado nestas características européias, o hospital de alienados garantia ao país uma base coesa e estabilizadora para enfrentar o confronto político e psiquiátrico instaurado na época.

Como papel primordial, a criação do hospício no Brasil aconteceu juntamente com a promulgação da Lei de 30 de junho, na França, cujos asilos de “loucos” foram colocados na condição de vanguarda da medicina da época. Se na Europa a instauração dos hospícios representava um avanço significativo na medicina psiquiátrica, é possível imaginar o quanto o asilo de alienados Pedro II foi importante para a modernidade tecnológica e científica da nação brasileira, apesar do enfrentamento político com a medicina que se desencadeou.

O surgimento do assunto “alienismo” no Brasil apareceu fortemente entre os séculos XVIII e XIX. Veio como resposta da ciência ao que diz respeito à loucura, doença mental que afetava o ser humano e que seria tratada especialmente pela medicina. Teria como causa a combinação de causas morais e físicas.



“O nascente alienismo busca retirar a loucura do terreno das especulações metafísicas e religiosas, apresentando-se como uma alternativa mais moderna e humanitária ao cuidado religioso oferecido aos loucos europeus por diversas irmandades religiosas e hospitais de caridade. Phillipe Pinel, com a experiência de Bicêtre e Salpêtrière e a publicação do *Tratado Médico Filosófico sobre a Alienação Mental* (1801), personifica o modelo de intelectual-cientista do campo do alienismo. Mais que um modelo, é o seu mito fundador.” (TEIXEIRA; RAMOS, 2012. p. 367)

Passou, então, a existir uma briga política e científica gerada a partir da construção do hospício dos alienados. A ciência comprometia-se em analisar o quadro das pessoas que lá entravam e se dizia responsável pelo espaço. Os representantes políticos, então, contestavam tal afirmação e se diziam donos do hospício, visto que dominavam verbas e construía o sistema que regia cada espaço de onde governavam. Sem falar na religião, que direta ou indiretamente transitava dentre os assuntos políticos e científicas, sendo eles comuns aos dois ou não. Levantou-se até a hipótese, cabível ou não, de entregar a posse do hospício aos alienados, visto que eles seriam os únicos e verdadeiros donos do entendimento referente à razão ou falta dela.

“Os médicos, aliados do efetivo poder administrativo, travam uma batalha de quase quatro décadas contra esse estado de coisas. Atacam o funcionamento do hospício e reivindicam a parcela de poder que lhes parecia justa: isto é, todo ele. O debate ocupa as páginas dos jornais e publicações não médicas. O hospício é chamado de lugar onde “a arte e a beleza tinham esquecido a ciência”, de “ser mais parecido com um convento que com um hospital”. A solução proposta é a laicização do hospício, sua desvinculação administrativa da Santa Casa e a passagem do poder aos alienistas, os únicos aptos a aplicar os princípios do tratamento moral.” (TEIXEIRA; RAMOS, 2012. p. 369)

Machado de Assis apresentou ao seu público leitor um conto que, a partir de uma fora humorística e eficiente criticamente, explanou o contexto da loucura dentro da sociedade carioca da época. Em *O Alienista*, nos foi apresentado o personagem Bacamarte, que passava seus dias dedicando-se a encontrar um ponto científico para orgulhar-se e alçar vãos altos em sua vida. Como suas primordiais experiências não deram certo, atentou-se por averiguar o conflito mental das pessoas. Verificou que tal pesquisa poderia ocorrer com êxito e tratou de colocar a mão na massa quase que instantaneamente. Fundou, então, um hospício chamado Casa Verde, com uma ajuda significativa do quadro político e um olhar nem tão confiável da sociedade. Foi uma primeira semana de festejos e apresentações do seu novo projeto. Quem olhava de perto, questionava se não era aquele um ato proveniente da ausência das faculdades



mentais, pois Bacamarte não teria um embasamento estabelecido sobre o que era a loucura e quem eram ou seriam os seus possíveis pacientes.

Desde então, o que se buscava era um meio social em que todos cumprissem com a moral e critérios da normalidade impostos pelo alienista que, através de um olhar camuflado, diria quem ou não era contemplado com a insanidade mental. O mais curioso era que Bacamarte não tinha critérios realmente válidos para internar em seu hospício os possíveis loucos inseridos no meio social. O que o personagem faria incansavelmente seria observar os internados e tentar detectar, através de hábitos diários, se apresentavam realmente algum indício de alienação, seja ela de qual natureza for.

Através desta narrativa, Machado de Assis coloca sob suspeita os atos do personagem Bacamarte, sugerindo a todo momento que o real alienado dentro da casa verde seria o seu proprietário. Porém, não entrega tal ideia de forma a denunciar-se: utiliza os demais personagens do conto para realizar tal tarefa para o leitor. Estava claro, nada ali era fruto de estudos insistentes sobre a psicanálise ou mera pesquisa sobre a insanidade mental, e sim, se tratava apenas de uma questão de ponto de vista, seja do próprio Bacamarte, da sociedade ou da intervenção política.

Bacamarte não teria, por exemplo, argumentos para suas internações, nem tampouco suporte político e social para tanto. O modo machadiano de escrever trouxe a alguns críticos, como Lima (1991) o pensamento de ser ele um autor pessimista, e que este humor não seria nada mais além de uma forma escrachada de analisar e contar a sociedade de sua época.

“A ausência da articulação entre ciência e poder parece dependente de um fator técnico e outro ideológico. Isolado, nenhum dos dois daria conta do filão necessário. Sem o domínio do primeiro, o analista não se permite mais que a forma do comentário. Além do mais, se lhe torna impossível enlaçar observações parciais, se bem que valiosas, com a construção de um todo que cobrisse a inteireza do objeto. Assim, no caso específico, não se tem relacionado a crítica da linguagem oratória, presente em todo o Machado da maturidade, com a vontade de poder, tão finamente realizada na novela. A carência técnica então facilita a reiteração ideológica, que se contenta em “classificar” Machado entre os céticos e pessimistas.” (LIMA, 1991. p. 260)

A Casa Verde não estava estabelecida como um espaço para se conhecer uma possível cura aos alienados, mas sim, como a produção de um conhecimento do que seria, afinal, a loucura. Este local, então, bem como os demais hospícios instalados no Brasil, já não era suficiente para receber tantos portadores de desarranjos mentais, obrigando aos proprietários



um aumento não só de espaço, mas também de técnicas para definir em que ponto se encontrava a insanidade de cada um. A sociedade se encontrava, então, mais enferma e resistente aos conceitos de moral e bons costumes.

Segundo Maria (2005), o personagem Bacamarte demonstra bem a força do médico na época. Ele cria um hospício, levando para seu redor todos aqueles que poderiam ser considerados loucos, tendo o controle de cada um para suas experiências científicas. Mesmo que, depois disso, aconteça esta guerra entre a política e os estudos científicos, tendo a religião também pertencente deste embate, Bacamarte privilegia-se por ter a nomeação de médico e por poder tomar conta, de certo modo, de uma parcela da sociedade que ele escolheu para ser estudada.

Ao fim, quando sua experimentação parece não fluir, acaba por internar-se, sendo ele seu próprio objeto de estudo, morrendo e deixando a Casa Verde sem utilidade alguma. Fato que Machado de Assis pretende demonstrar ao seu leitor no desenrolar da narrativa: um experimento científico que, sem um embasamento realmente válido e eficiente, acabou por encerrar-se sem resposta alguma ao que se estava procurando, a tal definição do que seria ou não a insanidade mental.

Este panorama se faz necessário para que tiremos o assunto em questão da subjetividade literária e a coloquemos na objetividade jornalística, já mencionados nesse artigo. A loucura foi tema de análise e crítica também nas crônicas de Machado de Assis.

Quando o Brasil recebia as primeiras atenções sobre o alienismo, a Europa já estava refletindo sobre processos de internação, cura e estudos científicos em torno da desorientação mental. Instalar um hospício em solo brasileiro seria não só avançar politicamente e encontrar-se com os vestígios da modernidade, como também significaria uma aproximação considerável dos avanços europeus.

Esta cisma do poder político brasileiro em se aproximar das formas políticas e sociais europeias é alvo das críticas de Machado de Assis. O Brasil tinha uma forma incompatível a dos padrões europeus e, ao mesmo tempo, tinha pressa em modernizar-se bem como os modelos previstos na Europa.

Apesar de buscar um universalismo para sua literatura, e por levar bastante em conta a escola da psicologia dos moralistas franceses do século XVIII, que voltava as atenções ao lado humano e natural do homem, Machado de Assis criticava esta busca incessante de



aproximação dos ideais e formas europeias de solidificar ideais. O Brasil necessitava, então, estabelecer-se sobre sua questão nacionalista, antes de beneficiar-se, de uma forma ou outra, com os conceitos atualizados da Europa.

“Machado não olhava o dia seguinte com entusiasmo. Em sua obra, construção e destruição estão intimamente associadas. Uma impressionante pesquisa e invenção de formas nacionalmente autênticas acompanha-se da afirmação irônica (e enfática) da sua arbitrariedade. O romance de Machado de Assis participa da edificação da literatura brasileira, e também da destruição de formas a que as vanguardas em toda parte começavam a se dedicar, como parte da crise geral da cultura burguesa que se anunciava. Um movimento que dá conta da situação do próprio país, o qual procurava constituir-se em nação culta no momento em que a expansão imperialista abria a crise da nacionalidade e da civilização burguesa.” (SCHWARZ, 1987, p. 170)

Quase início do século XX, as noções referentes a doenças mentais eram divididas em um ramo organicista – em que médicos e pesquisadores voltavam suas crenças em danos no cérebro, sendo estes os causadores da alienação; e o ramo psicológico, que jogava as culpas em um abalo espiritual, falha moral e incapacidade de viver dentro da sociedade por não cumprirem com as demandas políticas e religiosas da época.

Em suas crônicas, Machado relatava impressões diárias de uma nação que, apesar de estar soltando as amarras de Portugal e buscando cada vez mais sua independência, espelhava-se diretamente ao modelo europeu de conduzir a política e o poder.

“As poucas nítidas fronteiras entre a loucura e a razão, a relatividade do que possa ser considerado razoável ou insensato sempre é assunto na literatura de Machado de Assis. Nesse momento crítico de transformação das elites brasileiras o tema muitas vezes serve de metáfora de precariedade de equilíbrio de uma sociedade sob o impulso de modernização, indecisa entre seus costumes antigos persistentes e as inovações apresentadas como mais racionais.” (MURICY, 1988, p. 34)

E com um olhar crítico e bem humorado, Machado de Assis tratava deste assunto, tanto em suas crônicas quanto na obra *O Alienista*, observando até que ponto a razão humana se estabelecia. “Pode-se perceber no humor de *O Alienista* uma crítica perspicaz às intenções controladoras da nascente psiquiatria brasileira em relação à população, bem como uma compreensão exata das alianças recíprocas entre ela e o poder político.” (Muricy, 1988, p. 35)

O status social e medidas políticas tomadas na época tornavam o homem passível à loucura. Em sua crônica *A Fuga do Hospício*, por exemplo, Machado de Assis comenta que, ao caminhar na rua, já não sabe quem é louco realmente, que não havia condições de perceber





tais características. Isso se dá pelo fato de que, mesmo nessa época, já era possível refletir sobre a questão racional atribuída às pessoas.

Através das linhas do autor já é possível notar a dúvida existente sobre o aspecto *razão vs. desrazão*: qual das duas seria, realmente, um problema encarado pela sociedade? Machado de Assis, na crônica referida, diz que

“Uma vez que se foge do hospício (e não acuso por isso a administração) onde acharei método para distinguir um louco de um homem de juízo? De ora avante, quando alguém vier dizer-me as coisas mais simples do mundo, ainda que não me arranque os botões, fico incerto se é pessoa que se governa, ou se apenas está num daqueles intervalos lúcidos, que permitem ligar as pontas da demência às da razão. Não posso deixar de desconfiar de todos. A própria pessoa – ou para dar mais claro exemplo, - o próprio leitor deve desconfiar de si.” (MACHADO DE ASSIS, 2005. p. 14)

A crônica do dia 15 de setembro de 1895 mostra ao leitor duas perspectivas interessantes: a do alienado e a do olhar do outro dentro do contexto social. Um homem negro é carregado pela guarda policial de forma bruta, e o motivo era o fato de o sujeito ser um alienado. Porém, o narrador apresenta sua perspectiva, tentando compreender o que passaria na cabeça do tal alienado, de que forma ele estaria encarando tal situação. Seria ele um duque? Estaria ele sendo levado à câmara, ao seu espaço político? Machado de Assis trata de nos colocar junto na reflexão destas questões.

“De repente, bradou-me uma voz de dentro: “Mas, desgraçado, examinaste bem aquele preto? Sabes qual é a sua loucura?” A princípio não dei atenção a esta pergunta, que me pareceu tola, porquanto bastava que as ideias dele não fossem reais para serem a maior desgraça deste mundo; a curiosidade de saber o que efetivamente pensava o alienado, fez-me entrar no cérebro do infeliz. Qualquer outro acharia já nisto um princípio de alienação mental; mas a presunção que tenho de imaginar as coisas que andam na cabeça dos outros, e acertar com elas algumas vezes, deu-me ânimo para a tentativa.”<sup>2</sup>

O fato de o narrador estar refletindo sobre o que pensa o sujeito considerado alienado já causa a suspeita de que as outras pessoas o julguem da mesma forma. Então, percebe-se que de algum modo o conceito de alienação cai no senso comum e fica passível de tantas interpretações, escapando até da ciência, como a própria política já se encorajou a fazer.

Através de sua narrativa, Machado de Assis questiona se o fato de o rapaz ser um alienado não faz um homem de sorte, visto que, os loucos poderiam ser realmente felizes, sem a percepção das mazelas que faziam parte de seu meio social, sendo “anestesiados” com a

---

<sup>2</sup> Esta citação sem fonte declarada, diz respeito às crônicas retiradas do portal Machado de Assis < <http://machado.mec.gov.br>



ilusão, alertando seus leitores que não haveria mais motivos para temer os loucos, e sim aqueles que acreditavam ser portadores do juízo perfeito e que visualizavam os infortúnios que faziam parte do cotidiano e sociedade.

A crônica do dia 29 de setembro, também do ano de 1895, apresenta o panorama em que a ciência e a política eram instituições que insistiam em mostrar a alienação como um problema social gravíssimo. Mais do que em relação aos governantes, Machado sempre se posicionou contra e ironicamente aos regimentos cientificistas. O diagnóstico e a internação eram procedimentos que não só deixavam a desejar, como também desconsideravam valores humanos, sejam eles existentes à luz da razão ou não.

Nesta crônica, Machado parece desconstruir o imaginário de que a ausência de boa parte da razão seja uma catástrofe tanto social quanto pessoal dos alienados. Apresenta a loucura como um refúgio da razão, que aparece, metaforicamente, representando algo efêmero, desgastante e singular.

Já em 2 de dezembro de 1894, e dentre tantos assuntos recorrentes naquela semana, Machado de Assis questiona a posse do Hospício. Transmite a ideia de que cada um deve ficar com o que lhe pertence, sem administrações que nada compreendem sobre o que não lhe compete. Mesmo que o asilo de alienados tenha sido construído pelo poder constitucional da época, foi criado para os loucos, e quem mais poderia entender sobre loucura do que eles mesmos?

Tanto em um gênero quanto no outro, Machado de Assis pensava sobre um aspecto da sociedade que gerava um mal-estar não só entre a política e os estudos cientificistas, mas aos defensores dos ditos direitos humanos: o homem considerado louco era encarcerado dentre tantas outras deficiências e tratados como verdadeiros estragos sociais.

É possível acompanhar, então, que esta mescla entre o ficcional e o efêmero, ambos de Machado de Assis, demonstram de que forma a loucura foi representada no meio literário, levando em conta as impressões de um pensador de seu tempo: Machado de Assis teceu uma linha tênue entre os discursos políticos e cientificistas, em um embate que procurava estabelecer uma relação de poder sobre um aspecto puramente social. O que lemos, na verdade, tanto em um gênero quanto no outro, é uma certa “cegueira” do meio científico através do homem, que se apodera dos constructos da sociedade para gerar um controle sobre ela.





### Referências Bibliográficas

CANDIDO. A vida ao rés-do-chão. CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica; O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. [p.15-22]

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas; capítulos de história social da crônica do Brasil**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005. [p.9-19]

CHALHOUB, Sidney. **A crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa**. Remate de Males, Campinas, SP, v.29, n.2, jul./dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. 1997. São Paulo, Perspectiva.

HORROCKS, Chris. **Entendendo Foucault**. São Paulo: LeYa, 2013.

LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1973.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1973.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **A Semana**. Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/> >. Acesso em: 23 de jun. 2014.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TEIXEIRA, M.O.L.; RAMOS, F.A.DE C. **As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 364-381, jun.2012.



ENCONTRO  
INTERNACIONAL  
FRONTEIRAS E  
IDENTIDADES